

A INVERSÃO DO GESTO DO CANHOTO NA CALIGRAFIA DURANTE O PROCESSO CRIATIVO

GERSON MANZKE¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹UFPEl – manzke93@hotmail.com

² UFPEl – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada no curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, e teve como objetivo aprofundar os aspectos da caligrafia no meu processo criativo. Procurei analisar a apropriação da técnica da caligrafia manual e a investigação do “espelhamento” ou a “inversão” necessária a estas técnicas para a construção da escrita caligráfica com a mão esquerda.

As questões que compõem a pesquisa emergiram principalmente da minha trajetória poética a partir do uso da palavra como objeto de reflexão no campo da arte, cujos trabalhos de caligrafia foram majoritariamente realizados no contexto urbano, entre 2022 e 2025.

A problemática do canhoto (RANGEL; SOUZA; NASCIMENTO, 2015) num mundo desenvolvido para destros, foi o ponto de partida para a reflexão que deu origem à dissertação. O espelhamento ou a “inversão” dos gestos na caligrafia passam a ser transformados pela experiência do canhoto na criação dos signos visuais; expondo também o contexto em que o canhoto é colocado na sociedade contemporânea.

A partir do processo de construção e desconstrução dos signos visuais nessas caligrafias, novos vestígios abstratos tornaram-se visíveis a partir da fragmentação e verticalização dos signos. Tudo isso passou a ser um convite aos expectadores, para que testemunhassem os indícios e os detalhes de cada ato e de cada gesto que foram plasmados sobre as diferentes superfícies e suportes da cidade.

Desenvolvi o estilo de tipografia que tenho mais intimidade em minhas práticas, através do estudo acerca de períodos históricos da escrita e das tipografias que escolhi para desenvolver meus trabalhos.

As referências artísticas de meu trabalho passam pelo “Calligraffiti”, que é uma técnica desenvolvida pelo artista holandês Niels Meulman (2013), conhecido como Shoe, da qual me aproprio para desenvolver minhas práticas. E também pelo trabalho do artista pelotense Paulo Roberto Costa Cruz Jr. (2016), conhecido como Junior Asnoum; e pelo poeta Alexandre Gravatá (2024).

Os referenciais teóricos da pesquisa estabelecem conexões entre o pensamento de Allan Kaprow (2006) e a obra de Jackson Pollock (AMERICAN MASTERS PBS, 2024), que me levaram a uma observação fragmentada da pintura a partir de um olhar até então inédito para mim, na percepção desse pequeno detalhe, do pequeno fragmento da pincelada e do gesto que cria os signos visuais e suas desconstruções.

2. METODOLOGIA

Ao desenvolver meus trabalhos no contexto urbano, utilizo a palavra como disparador da visualidade no espaço da cidade. Neste processo, a tipografia torna-se não apenas uma ferramenta comunicativa, mas também um meio expressivo e gestual.

Em meus estudos, aproprio-me das tipografias gótica e cursiva. Utilizo essas tipografias como ponto de partida, para explorar e modificar aspectos dos signos visuais durante o processo de criação, o que me permite desenvolver um estilo mais identitário em minhas práticas.

No livro de Martina Flor (2021), intitulado “*Os segredos de ouro do Lettering - design de letreiros: do esboço à arte final*”, encontro explicações importantes sobre o significado e as diferenças entre o design de tipos, a caligrafia e o *lettering*. Sendo que os trabalhos desenvolvidos na presente pesquisa circulam entre a construção caligráfica e o *lettering*, através dos movimentos gestuais, mas também na composição e modificação dos signos visuais propostos (Figura 1).



Figura 1 - Gerson Manzke, *Não deixe o mar te engolir*, Projeto Revitaliza CA, tinta PVA e spray sob concreto. 2023.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da presente pesquisa, caligrafei a frase “*O ontem não existe mais*” no degrau de entrada do Centro de Artes da UFPEl. Desenvolvi a frase em uma tipografia gótica modificada, em rápidos movimentos. Aqui é possível perceber a falta de alinhamento na escala de cada signo visual e a falta de similaridade entre os signos colocados sobre a superfície, proveniente da falta da retroalimentação das letras ao compor a longa frase em movimentos rápidos com a mão esquerda e na escrita tradicional que parte da esquerda para a direita (Figura 2).



Figura 2 - Gerson Manzke, *O ontem não existe mais*, série em apagamento, 2023-2024.

Durante os meses seguintes, fiz o registro fotográfico do trabalho em apagamento, resultante da passagem do tempo e dos diversos acontecimentos que se apresentavam naquele local.

Ao final deste processo, quando registrei o último momento do trabalho praticamente apagado, pude perceber que havia se passado 11 meses desde o momento inicial de sua feitura (Figura 3).



Figura 3 - Gerson Manzke, *O ontem não existe mais*, série apagada. 2023-2024

4. CONCLUSÕES

A escrita canhota, marcada pela fricção entre corpo e norma, revelou-se não apenas como uma simples inversão de mão, mas como um ato de resistência contra um sistema gráfico que a ignora. A retroalimentação visual, causada pelo

movimento da mão esquerda em direção ao corpo, obscurece os signos recém-escritos e as manchas de tinta, como uma consequência do arrastar da mão sobre o papel. Não se trata de meros inconvenientes técnicos, mas sintomas de uma estrutura que privilegia o gesto destro.

No entanto, é justamente nesses "defeitos" que a caligrafia canhota expõe sua potência: ao forçar adaptações, como inclinar o papel, ajustar a pegada do material gráfico ou até mesmo ao ressignificar as manchas como parte do traço, ela desvela a criatividade de um corpo que se move à contracorrente. Desse modo, esta pesquisa demonstra que, longe de ser um empecilho, a escrita canhota, com seus desvios e recalibrações, desafia a padronização da linguagem visual e propõe uma epistemologia alternativa do gesto, onde o "erro" se torna estilo e a resistência, arte.

Através dessa perspectiva, a caligrafia canhota, quando observada além de sua suposta inadequação, pode ser um convite a repensar não apenas o modo como todos nós escrevemos (destros e canhotos), mas inclusive a alargar a maneira como construímos os próprios critérios do legível, do belo e do possível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN MASTERS PBS. **How Jackson Pollock's "Blue Poles" changed the face of art | American Masters**. 2024. Duração: 18 min. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8XFJtv6FavA> Acesso em: 04 nov. 2024.

BIAR, Renato Prata. **Vidas entregues**. 2019. Duração: 2 min. [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cT5iAJZ853c> Acesso em: 04 nov. 2024.

BURCKHARDT, Titus. **Sacred Art in East and Wes**. Middlesex, Grã-Bretanha: Perennial Books, 1967.

CRUZ JUNIOR, Paulo Roberto Costa. **CaligrafiAsnoum: graffiti, calligraffiti e criação de signos visuais**. 2016. Dissertação. Mestrado em Artes Visuais. PPG Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa / 3ª Edição**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLOR, Martina. **Os segredos de ouro do Lettering: Design de letreiros, do esboço à arte final**. São Paulo: Olhares, 2021.

GRAVATÁ, Alexandre. **Instagram do poeta**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2pVmbyrh9P/?igsh=aDhkaG9randyMWU0> Acesso em: 24 jul.2025.

KAPROW, Allan. O legado de Jackson Pollock. In: COTRIM, Cecília e FERREIRA, Glória. **Escritos de Artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

MEULMAN, Niels. **Caligraffiti**. Entrevista concedida a Jennyfer Goff. Hidden people, 2013. Disponível em: <http://www.calligraffiti.nl/interviews.html> acesso em: 4 nov. 2024.

MIYASHIRO, R. T. **Caligrafia Japonesa: quando tudo se torna um**. Japan Foundation, São Paulo, p.1 – p.13, 2024.

RANGEL, I. R. DA G.; SOUZA C. H. de; NASCIMENTO, E. C T. E. Canhotos em terra de destros: as dificuldades escolares enfrentadas pelas pessoas que escrevem com a mão esquerda. **Nucleus**, v. 12, n. 2, p. 7–16, 2015.